

BIBLIOTECA

Jornal:	Diário da Bahia
Data:	31/08/09
Caderno:	Salvador
Página:	30
Assunto:	Bairro

FOTO: FRANCISCO GALVÃO

Empresários veem falhas no tombamento do Comércio

Decisão do Iphan de tombbar o bairro do Comércio provoca controvérsias entre investidores e o povo

KARINA BARACHO

Paredes extremamente espessas, janelas e portas altas, pé direito muito maior do que o habitual, os detalhes em cada ponto das fachadas nos remete a outra realidade, a uma época passada e cheia de glamour. Dessa forma deveria estar todos ou pelo menos a grande parte dos imóveis situados no bairro do Comércio, em Salvador, porém, a realidade é outra. As ruínas tomaram conta do local, que parecem crescer indiscriminadamente a cada dia. Um novo temporal significa medo, não apenas dos comerciantes locais, mas de quem transita pela região com frequência.

A situação da área começou a mudar depois que foi implantado o escritório de revitalização do Comércio. Di-

versas faculdades e outras empresas, como as de call center passaram a investir no local. A volta dos empreendimentos fez com que o bairro voltasse a viver. Grandes redes de hotéis também estão no rol de empresas que pretendem se estabelecer naquela área. O movimento estimulou também a programação artística e cultural do Comércio, com a implantação do Museu

Du Ritmo, que agrega música, dança, moda e outros movimentos artísticos.

Porém, foi anunciado na última quinta-feira (dia 15) que o bairro seria tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Desde o anúncio, feito pelo Conselho Consultivo do Iphan, muitas controvérsias rondam a questão. Empresários que almejavam investir

naquele espaço não se sentem mais tão seguros para dar continuidade às negociações, trabalhadores e frequentadores compartilham do mesmo sentimento.

“Estes órgãos fiscalizadores deveriam estar preocupados com a saúde bem-estar do local e de quem trabalha naquela área. O Comércio está acabado e abandonado e eles não olham para isso. Não res-

tauram e nem deixam restaurar, se preocupando apenas em barrar novos empreendimentos”, disse indignado com a decisão o empresário Bruno Cerqueira, 35 anos. Ele que almejava incrementar os negócios pensa em outras áreas. “Vejo Salvador como perspectiva de novos negócios, mas depois dessa decisão quero distância do Comércio”, desabafou.

“A decisão vai afastar investidores em potencial”



Comerciantes e futuros investidores estão receosos do que vai acontecer agora

Prédios que já foram tombados ainda estão em ruínas e ameaçam vidas

Vendedora de uma loja no bairro, Denise Nogueira, 31 anos, não recebeu a notícia com bons olhos. “Eles não cuidam do que é patrimônio hoje, como vão preservar uma área do tamanho daqui?”, disse indignada. “Não vejo lógica nisso. A grande maioria dos prédios tombados pelo

Outro destaque de Cidreira referente ao tombamento, é a questão da morosidade no resultado dos projetos analisados pelo Iphan. “Acredito que o Iphan não esteja equipado com pessoal a disposição para tratar desse assunto com tempo hábil. E o tempo pode ser fatal para a

Cidades Alta e Baixa. As edificações daquela região são oriundas do século 19. Segundo o superintendente do órgão, Carlos Amorim, a proteção já existia, por força da lei 3.289/83, que, conforme ele, impossibilitava a demolição ou construções que alterasse a visibilidade atual da localidade.

Decisão do Iphan de
tombar o bairro do
Comércio provoca
controvérsias entre
investidores e o povo

KARINA BARACHO

Paredes extremamente espessas, janelas e portas altas, pé direito muito maior do que o habitual, os detalhes em cada ponto das fachadas nos remete a outra realidade, a uma época passada e cheia de glamour. Dessa forma deveria estar todos ou pelo menos a grande parte dos imóveis situados no bairro do Comércio, em Salvador, porém, a realidade é outra. As ruínas tomaram conta do local, que parecem crescer indiscriminadamente a cada dia. Um novo temporal significa medo, não apenas dos comerciantes locais, mas de quem transita pela região com frequência.

A situação da área começou a mudar depois que foi implantado o escritório de revitalização do Comércio. Di-



O comércio está vivendo um processo de revitalização iniciado pela Prefeitura que pode ser prejudicado com o tombamento

versas faculdades e outras empresas, como as de call center passaram a investir no local. A volta dos empreendimentos fez com que o bairro voltasse a viver. Grandes redes de hotéis também estão no rol de empresas que pretendem se estabelecer naquela área. O movimento estimulou também a programação artística e cultural do Comércio, com a implantação do Museu

Du Ritmo, que agrega música, dança, moda e outros movimentos artísticos.

Porém, foi anunciado na última quinta-feira (dia 15) que o bairro seria tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Desde o anúncio, feito pelo Conselho Consultivo do Iphan, muitas controvérsias rondam a questão. Empresários que almejavam investir

naquele espaço não se sentem mais tão seguros para dar continuidade às negociações, trabalhadores e frequentadores compartilham do mesmo sentimento.

“Estes órgãos fiscalizadores deveriam estar preocupados com a saúde bem-estar do local e de quem trabalha naquela área. O Comércio está acabado e abandonado e eles não olham para isso. Não res-

tauram e nem deixam restaurar, se preocupando apenas em barrar novos empreendimentos”, disse indignado com a decisão o empresário Bruno Cerqueira, 35 anos. Ele que almejava incrementar os negócios pensa em outras áreas. “Vejo Salvador como perspectiva de novos negócios, mas depois dessa decisão quero distância do Comércio”, desabafou.

“A decisão
vai afastar
investidores
em
potencial”



Comerciantes e futuros investidores estão receosos do que vai acontecer agora

Prédios que já foram tombados ainda estão em ruínas e ameaçam vidas

Vendedora de uma loja no bairro, Denise Nogueira, 31 anos, não recebeu a notícia com bons olhos. “Eles não cuidam do que é patrimônio hoje, como vão preservar uma área do tamanho daqui?”, disse indignada. “Não vejo lógica nisso. A grande maioria dos prédios tombados pelo Iphan são ruínas. Eles parecem querer transformar Salvador numa grande ruína”, lamentou.

De acordo com o coordenador do escritório de revitalização do Comércio, Marcos Cidreira, a situação é muito complexa. “Somos a favor do tombamento, porém o que acreditamos que seja o motivo é a diversidade da sua arquitetura”, disse se referindo aos vários estilos de edificações na área, mesclando o antigo com o atual. “Existe espaço e ambiente para todos”, acrescentou.

Outro destaque de Cidreira referente ao tombamento, é a questão da morosidade no resultado dos projetos analisados pelo Iphan. “Acredito que o Iphan não esteja equipado com pessoal a disposição para tratar desse assunto com tempo hábil. E o tempo pode ser fatal para a aquisição do investidor”. Segundo Cidreira, a resposta de um projeto, se avaliado pelo Iphan, pode sair em até um ano e muitas vezes a resposta é negativa não dando ao empreendedor possibilidades de mudanças para se adequar às normas exigidas. “O que consequentemente vai afastar investidores em potencial”.

A área tombada é contígua à encosta onde está o conjunto eclético, localizado ao longo da encosta que divide as

Cidades Alta e Baixa. As edificações daquela região são oriundas do século 19. Segundo o superintendente do órgão, Carlos Amorim, a proteção já existia, por força da lei 3.289/83, que, conforme ele, impossibilitava a demolição ou construções que alterasse a visibilidade atual do local.

De acordo com o instituto, a área tombada vai refletir em todo o bairro. O órgão apontou ainda linhas de créditos especiais vinculadas ao Iphan para estimular o investimento na área do Comércio, mesmo com a possível demora na resposta da avaliação das propostas. Informou ainda que tais medidas serão apresentadas à população ainda nos próximos dias. O processo será enviado para o Ministério da Cultura, para que seja homologado pelo ministro Juca Ferreira.